

Outra forma de ser mulher: a luta das mulheres Zapatistas a partir de uma análise decolonial (1999-2007)

Leticia Cassia da Silva Anastacio

Universidade Estadual do Paraná

União da Vitória - Paraná - Brasil

leticiacassia18@hotmail.com

Resumo: O presente artigo pretende analisar, com base na luta pela emancipação feminina em território Zapatista, quais as demandas das mulheres atuantes no movimento e seus ideais de luta exercidos em conformidade com seus contextos e realidades locais, localizadas em América Latina e mais especificamente no México, em que buscam veementemente manter suas raízes culturais contando com o mínimo de interferência de ideais universalistas ou eurocêntricos. Nesse sentido e através da análise de cartas e falas públicas registradas em arquivos históricos, primeiramente focaremos no contexto histórico do Exército Zapatista, que se constitui enquanto uma revolução de caráter decolonial, e em seguida, do “ser mulher” perante a realidade das zapatistas e quais suas formas de lutar neste âmbito de luta feminista decolonial inerente às questões que perpassam as concepções idealizadas por outros feminismos hegemônicos. Com isso e por intermédio das falas das zapatistas deixadas por escrito, responderemos quais as problemáticas que movimentam a luta destes sujeitos dentro de um contexto revolucionário e decolonial.

Palavras-chave: Mulheres zapatistas. Feminismo decolonial. Decolonialidade. Zapatismo.

Introdução

Todos estos femeninos han sido instaurados por el zapatismo. Todas ellas abren el camino para mostrarnos una nueva forma de ser mujer, una lucha dura, sí, pero también innovadora, fresca, en fluidez de género – les ahorro, porque las zapatistas la viven en carne propia, consideraciones sabias sobre la teoría subsidiaria de la “fluidez del género” (MARCOS, 2010, p. 60).

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é um movimento social que atua clandestinamente desde 17 de novembro de 1983 e que se revelou publicamente no dia 1º de janeiro de 1994 enquanto um movimento de guerrilha armada insurgente nas cidades de Ocosingo, San Cristóbal de Las Casas, Las Margaritas e Altamirano, no Estado de Chiapas, ao sul do México, em resposta à implementação do Tratado Norte Americano de Livre Comércio (NAFTA). Dentro do movimento, a participação ativa e

maciça de mulheres detém extrema importância, pois se constituem como as porta vozes principais deste, como afirma Millán (2014) ao referir-se sobre a importância da participação das mulheres indígenas zapatistas desde o início do movimento e de suas representações no discurso oficial atual neozapatista.

Nesse sentido, torna-se indispensável entender o contexto pelo qual estas mulheres atuam dentro do EZLN, que se caracteriza por um caráter decolonial de revolução¹, diferindo-se das demais lutas revolucionárias que ocorreram ao longo dos séculos por sua forma de abrigar distintas particularidades e mundos dentro do seu próprio mundo. Assim, através de uma política identificada como “outra”, que tem por objetivo dialogar de forma horizontal e democrática, constrói de forma conjunta uma luta com foco na identidade indígena mexicana em prol da libertação desses povos em seus territórios.

Em seguida, faremos uma análise acerca de como as mulheres zapatistas atuam dentro do movimento, compreendendo suas lutas por emancipação feminina em conformidade com a concepção da teoria feminista decolonial. Quanto a isso, a filósofa María Lugones (2008) propõe uma investigação teórica em que priorize a intersecção entre as categorias de raça, classe, gênero e sexualidade buscando compreender a indiferença dos homens perante as violências sofridas pelas mulheres de cor.² Desta forma, a autora utiliza como base em sua investigação a definição de “colonialidade do poder” introduzida pelo sociólogo Aníbal Quijano, que em suas palavras:

Também quero fornecer uma forma de entender, ler e perceber nossa lealdade para com esse sistema de gênero. Precisamos nos colocar em uma posição que nos permita rechaçar esse sistema, enquanto promovemos uma transformação das relações comunitárias. Neste ensaio inicial, apresento e complico o modelo de Quijano, porque ele nos fornece, com a lógica dos eixos estruturais, uma boa base para entendermos os processos de entrelaçamento e produção de raça e gênero (LUGONES, 2008, p. 55).

Com base nesta definição, enfrentaremos a problemática em torno das questões de gênero que permeiam o universo das mulheres zapatistas, investigando, através de suas palavras, quais os problemas e demandas que as impulsionam dentro da luta por libertação nacional e que correspondem às suas próprias percepções do “ser mulher”.

¹ Entende-se aqui, por caráter decolonial de revolução, uma classe revolucionária baseada na identidade indígena e Latino-americana que se distingue das demais através da prática do diálogo horizontal entre toda a comunidade ao invés do mando ou da coerção.

² Termo criado nos Estados Unidos e usado pela filósofa para referir-se às mulheres subalternizadas, entre elas, todas que sofrem pela colonialidade de gênero, mas que são protagonistas e não meras vítimas desta luta, descrito pela autora como uma coalizão orgânica e não uma identidade que separa.

Neste contexto, percebendo que os problemas que as cercam ali se destoam daqueles institucionalizados por mulheres especialmente brancas, de diferentes etnias, nacionalidades e localizações geográficas, mas que são impostos a categoria universal “mulher” através de uma razão feminista moderna e eurocêntrica.

Zapatismo, a história e a luta contra o sistema-mundo

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi". Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (BENJAMIN, 1987, p. 224).

Em sentido histórico, o filósofo Walter Benjamin através de suas “Teses para o conceito de história”, baseia-se no materialismo histórico dialético para agregar sentido ao passado através do presente, em que se esquivava de uma escrita da História tradicional propagada por classes dominantes advindas da História Oficial. Assim, através do materialismo histórico, revisa o passado experienciado por sua vez pelo sujeito histórico oprimido, e assim, identifica como esse passado reverbera no presente através de lutas e tensões históricas.

Nessa perspectiva, faz-se necessário desvendar estas lacunas, como a invisibilidade e o apagamento de mulheres e indígenas, e preenchê-las dando voz aos oprimidos e às oprimidas, disseminando suas histórias através da memória e da identidade para que assim o sujeito histórico crie consciência. Nesse sentido, analisaremos a entrevista tecida pelo escritor Manuel Vásquez Montalbán ao Subcomandante Marcos para a Folha de São Paulo em 1999:

Montalbán - A ofensiva cultural dos últimos 15 anos atenta contra a memória histórica e a utopia. Para o liberalismo, extirpar a memória significa deixar a história sem culpados, sem causas. E a eliminação da utopia deixa o presente como única opção. Vocês pedem uma utopia modesta, que a Constituição e a democracia sejam para todos. Cumprir as constituições integradoras seria subversivo. Nem as oligarquias nem a ordem vigente o suportariam. Marcos - Nós não propomos um modelo econômico determinado. Digamos que a proposta zapatista tem mais a ver com o sentido ético da política que com um programa de governo, que é o que um partido político apresentaria. O zapatismo afasta-se dos movimentos revolucionários tradicionais. Não queremos o poder. Queremos que se respeite a igualdade e ao mesmo tempo a

diferença. Quando propomos resgatar a memória, lutamos contra a unidimensionalidade do presente e do predeterminado, que interessa aos que nos dizem: esqueçam que somos os ladrões e criminosos de ontem, esqueçam que a promessa de ontem é a que estamos repetindo hoje e que ontem não cumprimos. Sobre a utopia, eu pergunto: que transformação social na história do mundo não foi utopia na véspera? Nenhuma (SUBCOMANDANTE MARCOS, 1999, [s/p.]).

A partir da entrevista, o Subcomandante Marcos, porta voz do movimento Zapatista até 2014, não falha ao enfatizar sobre a importância de se resgatar a memória e juntamente com ela a exigência da preservação de uma identidade indígena mexicana, para que assim, através da revolução, haja a transformação. Sobre isso, é fato que os Zapatistas não constroem uma revolução de caráter ideológico baseando-se em revoluções europeias, mas sim, o que se preserva aqui é o sujeito histórico étnico, indígena e também mexicano.

Ainda nessa perspectiva e visando à transformação por um viés próprio e constitutivo de suas realidades históricas através de outro discurso, os zapatistas surgem primeiramente em confronto com o neoliberalismo, pauta que impulsionou o aparecimento público do movimento. Na fala do Subcomandante Marcos analisada acima, conseguimos examinar a lógica da mescla de enfrentamento com o sistema-mundo e a colonialidade do poder sendo constituída com minuciosidade pela constante afirmação da particularidade enquanto ser.

A colonialidade do poder, portanto, é um conceito instituído por Quijano (2002) que explica um dos elementos fundamentais do atual padrão de poder, sendo essa classificação hierárquica da sociedade com base na raça em que se perpetua por mais de quinhentos anos desde o desenvolvimento progressista do Sul global, da Europa e do capitalismo por meio da dominação do colonialismo. Desta forma, a colonialidade do poder e suas formas de dominação: “[...] constituem a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva, e são, por isso mesmo, a base intersubjetiva mais universal de dominação política dentro do atual padrão de poder” (QUIJANO, 2002, p. 1).

Na entrevista citada acima, Subcomandante Marcos afirma também que: “O EZLN não nasce de propostas urbanas, mas tampouco de propostas vindas exclusivamente das comunidades indígenas. Nasce dessa mescla, desse coquetel Molotov, desse choque que produz um novo discurso” (SUBCOMANDANTE MARCOS, 1999, [s/p.]). Acerca desta mescla entre comunidades indígenas e urbanas em que tem como resultado o discurso Zapatista, podemos associar ao que Enrique Dussel (2016) chama de “Transversalidade do diálogo intercultural transmoderno”.

Através deste conceito, Dussel (2016) revela que o sentido de “transmoderno” demonstra o surgimento da exterioridade e da alteridade de culturas universais que estão em desenvolvimento, sem abandonar os aspectos positivos deixados pela modernidade, mas respondendo a partir de “outro lugar”, que se localiza em sua experiência cultural e se diverge da euro-norte-americana, e assim, garante as soluções para os seus problemas de forma distinta da cultura moderna universal.

Esta cultura transmoderna trará consigo uma “pluriversalidade” intensa advinda de um diálogo intercultural. Portanto, a transmodernidade, nesse sentido, engloba todas as particularidades para além das estruturas gestadas pela cultura euro-norte-americana moderna e que ainda prevalecem nas culturas não europeias, se encaminhando, assim, através delas rumo a uma utopia pluriversal. Nessa lógica, Dussel propõe um “projeto transmoderno” como forma de libertação cultural, que permita que os sujeitos historicamente oprimidos valorizem suas culturas particulares que foram negadas pela modernidade, passando por um longo processo de resistência e desenvolvendo em conjunto, sobretudo, sua própria tradição cultural, trabalhando em direção a uma utopia transmoderna descolonizada e também renovada³.

Nesse sentido, Grosfoguel (2007) evidencia Aimée Césaire ao propor uma crítica aos universalismos abstratos, em que o particularismo hegemônico acaba por configurar um projeto global imperial, invisibilizando a localização epistêmica de um lugar de enunciação particular na geopolítica do conhecimento. Assim, através da memória da escravidão e experiência política enquanto negro caribenho, Césaire afirma que a descolonização, desde a experiência afro-caribenha, não passa por um particularismo restrito que se converte em uma experiência segregada e fechada em si própria. Ao contrário, em sua concepção de descolonização, ela conduz a um universalismo concreto, em que seja possível situar todos os particulares em uma direção horizontalizada que os englobe de forma geral, portanto, o universalismo concreto de Césaire propõe um diálogo horizontal e de igual para igual entre os povos.

Desta forma, Grosfoguel afirma que estes estudos servem de inspiração para se pensar em outros problemas contemporâneos de exploração do sistema-mundo, que não se limite ao contexto afro-caribenho, como no caso dos zapatistas. A partir desta concepção, a questão das mulheres zapatistas também acaba por propor uma crítica a

³ Em resumo, o que se propõe a partir da inserção destes conceitos, é que a prática zapatista conduz a um projeto de revolução decolonial baseada em uma multiplicidade de indivíduos distintos, mas que apesar das diferenças conseguem manter uma lógica de diálogo que engloba todas as particularidades rumo a uma nova utopia pluriversal, contrariando a antiga lógica de universalidade moderna e europeia.

estes universalismos abstratos, pois como veremos adiante, elas rejeitam o projeto de um feminismo global e universal, construindo uma luta decolonial com base em suas experiências particulares enquanto mulheres, indígenas e pobres contra os poderes hegemônicos que as submetem a todas estas opressões.

Para que estes projetos se concretizem em um contexto propriamente latino-americano, o projeto de transmodernidade de Dussel, como já citado, entra em questão como forma de completar este processo de descolonização, concretizando-se ao nível do projeto político universal concreto, como propõe Césaire. Desta forma, ao invés de construir um projeto universal centrado em experiências e saberes unicamente aplicados em Europa, Dussel irá propor:

Uma multiplicidade de propostas críticas descolonizadoras contra a modernidade eurocêntrica, e mais além dela, desde as localizações culturais e epistêmicas dos povos colonizados do mundo. Como não existe um exterior absoluto para este sistema-mundo, tampouco existe um interior absoluto (DUSSEL *apud* GROSFUGUEL, 2007, p. 73, tradução nossa).⁴

Por conseguinte, é preciso modificar o sistema-mundo de exploração colonial, patriarcal e capitalista atual, materializado através da colonialidade do poder.

Quanto aos Zapatistas, Grosfoguel os relaciona com estas estratégias e projetos decoloniais de luta, ao passo que o giro decolonial deles não advém de um “messianismo judaico-cristão”, mas de uma forma “outra” de fazer política que parte do universo indígena e mexicano do Sul do México, onde o ponto de partida provém do “andar perguntando”. Esse andar perguntando, segundo o autor, conduz a um “movimento de retaguarda”, em contraposição a alguns partidos de vanguarda.⁵ Nesta perspectiva eles se diferenciam, ao passo que o primeiro se apresenta em um aspecto de diálogo crítico transmoderno e decolonial, enquanto que o segundo se caracteriza pelo aspecto de uma política missionária em que se prega para convencer e recrutar.

Ao caracterizar o Zapatismo como um “movimento de retaguarda”, Grosfoguel se refere a “Outra Campanha” produzida por eles, em que abaixo e à esquerda, engendram de forma propriamente intrínseca suas formas de lutar. Através dela e desde a retaguarda, o modo de “perguntar escutando”, ao contrário da característica vanguardista do “pregar convencendo”, é o que diferencia este movimento enquanto um

⁴ “Una multiplicidad de propuestas críticas descolonizadoras contra la modernidad eurocentrada, y más allá de ella, desde las localizaciones culturales y epistémicas diversas de los pueblos colonizados del mundo. Según no hay un afuera absoluto para este sistema-mundo, tampoco hay un adentro absoluto”.

⁵ Aqui Grosfoguel evidencia especialmente o marxismo em sua crítica aos universalismos, mas a presente pesquisa não tem como foco destacar exclusivamente as ideias marxistas e sim os movimentos que praticam o vanguardismo de forma geral.

modo decolonial de fazer revolução, incluindo todos os universos concretos e todas as particularidades distintas apontadas anteriormente. Desta forma, na fala do Subcomandante Marcos para a mesa redonda na UAM-Xochimilco, Cidade do México, no dia 28 de junho de 2006, referente à “Outra Campanha” na qual, contrário às formas universalistas da política tradicional estadista, ele enfatiza esta lógica de escuta que a diferencia das organizações tradicionais e vanguardistas:

- Escutar.

Algo que define a política tradicional é que você fala e os outros ouvem. Eles concordam ou discordam, mas ouvem. Na outra, é inverter a relação, ouvir o outro, sua história e sua luta. Conhecer assim a identidade do outro, da outra, e assim estabelecer uma relação de respeito. Ouvir afirma a identidade do falante e a coloca em relação aos outros.

Ao ouvir, o mapa do movimento de resistência nacional é refeito e levanta novas possibilidades. Assim o expressava, palavras mais, palavras menos, um militante de esquerda, membro do Karavana: “uma coisa é conhecer a realidade nacional em estatísticas, publicações, análises; e outra bem diferente é ver e ouvir na voz e na realidade dos que estão abaixo”.

O conhecimento derivado deste ouvido coletivo permite-nos saber que não estamos sós, nem na resistência, nem na luta, nem nos problemas, nem nas aspirações.

Que a Outra comece com um ouvido é uma de suas definições mais inovadoras, criativas, imaginativas e subversivas, ainda dentro da mesma tradição da esquerda mundial [...] (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2006, [s/p.], tradução nossa).⁶

Assim, nessa perspectiva e em sentido benjaminiano⁷ em que através da consciência do presente a ideia de continuidade da história é então interrompida pela consciência das classes revolucionárias, o Zapatismo se torna um exemplo claro de

⁶ “Escuchar: Algo que define a la política tradicional es que se habla y los demás escuchan. Acatan o disiente, pero escuchan. En la Otra se trata de invertir la relación, de escuchar al otro, su historia y su lucha. Conocer así la identidad del otro, la otra, y establecer así una relación de respeto. La escucha afirma la identidad del que habla y la ubica respecto a los demás. Con la escucha se rehace el mapa del movimiento nacional de resistencia y plantea nuevas posibilidades. Así lo expresaba, palabras más, palabras menos, un militante de izquierda, miembro de la Karavana: “una cosa es conocer la realidad nacional en las estadísticas, las publicaciones, los análisis; y otra muy distinta verla y escucharla en la propia voz y realidad de los de abajo”. El conocimiento que de este oído colectivo se deriva, permite saber que no estamos solos, ni en la resistencia, ni en la lucha, ni en los problemas, ni en las aspiraciones. El que la Otra arranque con un oído es una de sus definiciones más novedosas, creativas, imaginativas y subversivas, aún dentro de la misma tradición de la izquierda mundial”.

⁷ O messianismo judaico reproduzido por Benjamin se diferencia do messianismo rechaçado por Grosfoguel, ao passo que o primeiro se encontra a serviço da luta dos oprimidos, restabelecendo a força revolucionária do materialismo histórico e encaminhando-se para uma mudança na produção de conhecimento do passado tradicionalista, enquanto que o segundo tece uma crítica específica ao marxismo-leninismo por suas políticas vanguardistas e missionárias do pregar para convencer. Ver Löwy, 2005.

rompimento com a máxima de que somente os vencedores da história, em uma visão universalista, são capazes de mudar seu rumo. Portanto, quanto ao EZLN:

A importância destes movimentos, a despeito de seus limites, reside nesta capacidade de enfrentar o “vazio” deixado pelo colapso dos antigos modelos do pensamento e das práticas revolucionárias – que costumavam pegar carona do racionalismo neoluminista. É sob este enfrentamento que estes movimentos visualizam a necessidade de reescrita da história, possibilitando traçar um fio de continuidade na história de resistência e luta dos vencidos, ao mesmo tempo em que sinalizam a possibilidade de interrupção do continuum histórico dos vencedores. “A consciência de fazer explodir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação” (QUERIDO, 2011, p. 51).

Portanto, o Exército Zapatista, especialmente as mulheres do movimento, promovem um discurso que visa a uma mudança histórica de caráter decolonial e intrinsecamente latino-americano, a qual através do diálogo horizontal e pluriversal definido como “andar perguntando”, se distingue majoritariamente de alguns movimentos revolucionários construídos ao longo da história.

Desta forma, rompe com a imposição universal e moderna de progresso e *continuum* histórico, instaurando uma classe revolucionária baseada, por sua vez, em uma identidade tipicamente indígena mexicana e Latino-americana com uma perspectiva transmoderna, universal concreta e decolonial de mundo.

Desta maneira, os zapatistas se revelam publicamente com armas, demonstrando que dentro de suas realidades a história não acabou no capitalismo, mas ao contrário, se movimenta e se transforma constantemente através de agentes históricos que prezam por suas identidades, praticando a escuta e abrigando, desta forma, um universo de luta compartilhado entre todas as diferenças que ali habitam. Da mesma forma sucede-se a atuação das mulheres zapatistas dentro do movimento.

A atuação das mulheres no EZLN por um viés decolonial

A despeito das mulheres dentro do Exército Zapatista, é possível observar que a partir da lógica de luta decolonial, esta influência se estende e solidifica-se *a priori* na questão feminina do movimento. Aqui, através de um caráter discursivo, elas irão contestar a ordem vigente e hegemônica do feminismo universalista que não comporta suas realidades.

Reconstitui-se, assim, todo o sentido atribuído ao “ser mulher” e a luta por emancipação feminina empregada a todas as mulheres desde o século XIX até os dias atuais no interior de algumas teorias feministas, conforme podemos observar entre as

palavras da Comandanta Yolanda (2007) em um encontro com coletivos feministas na cidade de Tijuana:

[...] É claro para nós como vivemos e o quanto sofremos, mas de quem é a culpa? Quem é o culpado? Não podemos dizer que são nossos parceiros, nossos maridos ou nosso pai. Falamos claramente, eles também não têm culpa. O único culpado são os próprios capitalistas, são eles que dominam as ideias, são eles que dominam a nossa raça desde a conquista espanhola. Os espanhóis venceram e obrigaram-no a obedecer à força, conforme sua vontade, e esta situação já dura mais de quinhentos anos, não começou recentemente. E aí nossos avós, nossos pais, nossos maridos, eles também, porque eles já introjetaram essa ideia, mas não é uma ideia que pertence a eles.

E depois o que queremos como zapatistas, como mulheres zapatistas, queremos buscar a igualdade entre homens e mulheres. Nossos companheiros, agorinha, graças a nossa organização, muitos colegas também já estão praticando, ainda não está completo, mas eles já estão praticando. Ainda há muitos também que não entendem isso, já que dizem que há muito machismo, ainda há, mas também há muitos colegas que já estão praticando. E nós não vamos contra os nossos próprios companheiros.

Não perdemos de vista de onde vem essa ideia, por que vivemos assim, e mais, como vocês já disseram, a mensagem chega muito antes de nós, por isso a nossa luta zapatista é para todos, com todos os trabalhadores e trabalhadoras no campo e na cidade.

Basta, então, vamos saber como vocês vivem, como vocês sofrem, porque compartilhar a experiência da luta é muito importante, para isso viemos independentemente do sacrifício, do custo para chegar até aqui. Não é fácil fazer uma luta, mas também não é impossível. É a única maneira de buscar uma forma de unidade tanto para homens como para mulheres, porque esse capitalismo, de onde vem toda essa exploração não é fácil, porque já cresceu, já é muito, mas também já não conforma... "bom, não dá para fazer mais nada, melhor esperar, e mais vai acontecer". Isso não é justo, companheiras, vocês têm que fazer alguma coisa [...] (COMANDANTA YOLANDA, 2007, [s/p.], tradução nossa).⁸

⁸ "Nosotros está claro, cómo vivimos y hasta qué tanto sufrimos pero ¿quién es la culpa? ¿quién es el culpable? No podemos decir que nuestros compañeros, es nuestros esposos o es nuestro papá. Nosotros hablamos claro, ellos también no tienen la culpa. El mero culpable son los mismos capitalistas, son ellos los que dan la idea, y son ellos los que desde la conquista española lo dominaron nuestra raza. Y lo españoles ganaron y lo obligaron que por la fuerza obedezca, como ellos quieran, y ya hace más de quinientos años, no ahora poco empezó esta situación. Y entonces nuestros abuelos, nuestros papás, nuestros esposos, también ellos porque ya le entró esa idea, pero no es idea de ellos. Y entonces la que queremos nosotros como zapatistas, como mujeres zapatistas, queremos buscar igualdad entre hombre y mujer. Que nuestros compañeros hombres, orita, gracias por nuestra organización, muchos compañeros también ya lo están practicando, todavía no es lo completo, pero ya lo están practicando. Todavía hay muchos también que no le entran que como se dicen que hay mucho machismo, todavía hay, pero hay muchos compañeros también que si ya lo están practicando. Y para nosotros no vamos en contra con nuestros propios compañeros. La que no lo perdemos en vista dónde viene esa idea, por qué vivimos así, y más, así como ya dijeron ustedes, de por sí mucho antes nosotros llega el mensaje, por eso nuestra lucha zapatista es para todos, con todos los trabajadores y trabajadoras tanto en el campo y en la ciudad. Nosotros es bastante pues, vamos ir conociendo cómo viven ustedes, cómo sufren ustedes, pues compartir la experiencia de lucha es muy importante, para eso nosotros venimos sin importar el sacrificio, el costo para llegar hasta acá. No es fácil hacer una lucha pero también no es imposible. La única forma buscar una forma de unidad tanto hombres y mujeres, porque este capitalismo, donde vienen todo este explotación ya no es fácil, porque ya creció ya es mucho pero tampoco ya no conformar... "bueno, ya no se puede hacer nada, mejor esperar, y que va a pasar más". Ese no es justo compañeras, hay que hacer algo".

Podemos observar a incorporação de algumas afirmações de extrema importância para o entendimento efetivo da situação que movimenta fundamentalmente a luta destas mulheres no campo revolucionário zapatista: a união entre todos os povos indígenas em prol da libertação. Nela, Yolanda clama pela construção de uma estratégia de ação indígena em que todos os povos em conjunto, especialmente as mulheres, se unam pelos seus direitos, deixando claro que de fato ainda permaneciam algumas ideias e atitudes machistas nas práticas de alguns homens zapatistas, como em qualquer outro lugar, mas que não são os verdadeiros culpados e nem inimigos, contudo apenas vítimas do capitalismo e da imposição colonial, como elas. Desta maneira, afirma que a única direção para construir uma luta é através da busca por uma forma de unidade entre homens e mulheres, pois só assim será possível enfrentar este sistema, portanto, através da união de todos os povos que carregam sofrimentos em comum.

Quanto a estas questões, é preciso esclarecer alguns apontamentos acerca do discurso e vivência das zapatistas. Nesse sentido, Sylvia Marcos (2010) irá descrevê-las como mulheres que estão inseridas dentro do que ela chama de “neozapatismo”. Primeiramente, através de seus estudos, discursos e práticas das mulheres zapatistas, a autora afirma que esta luta, dentro deste contexto específico, necessariamente demanda outras estratégias, ou seja, outros feminismos. Assim, ela irá se preocupar em elucidar a forma com a qual os constroem através de sua participação no “Encuentro de Zapatistas con las Mujeres del Mundo” em La Garrucha, ocorrido em dezembro de 2007.

Analisando as variadas falas proclamadas pelas mulheres neste encontro, deste modo, a autora focará nas práticas conceituais Maya, em que os discursos contraditórios sinalizam “outra lógica”. Ao analisar o que estas mulheres têm a dizer no tocante aos homens do movimento e suas relações de luta, Sylvia Marcos percebeu que entre elas existiam aparentes contradições, como uma fusão e fluidez de opostos, introduzindo neste aspecto o conceito de “dualidade mesoamericana”. Assim, afirma:

Esta é a forma subjacente da dualidade de contrários e complementaridades que não se ancora em um só e oscila em direção ao outro. Também a busca de equilíbrio e balanço entre os dois propõe um quadro analítico que permite que os opostos sejam colocados juntos sem invalidarem um ao outro. Dualidade que permeia as práticas e fundamenta as atitudes e discursos das zapatistas. Novamente, os opostos aparecem. Também se escutam frases como “... ainda falta muito para que os direitos das mulheres se tornem realidade, para que sejamos respeitadas”, “... muito que fazer para conquistar nossos direitos”, “... para mudar esse mundo cheio de injustiça”, “quando a gente tem marido, é aí

que começa o problema... pensa que aonde vamos, fazemos coisa ruim” (MARCOS, 2010, p. 65, tradução nossa).⁹

Conforme esta dualidade de contrários e complementaridades assinalada pela autora em que se interliga com as falas analisadas, observamos que para além de uma luta por emancipação feminina na qual se prega a exclusão plena dos homens deste mesmo espaço, como constroem alguns feminismos hegemônicos e ocidentais. Nas comunidades zapatistas esta luta só se torna possível em complementaridade uns com os outros, mesmo estabelecendo a exigência de seus lugares e vozes enquanto mulheres em relevância.

Assim, pelas afirmações compreendemos que os opostos entre direitos coletivos de todos os povos e direitos individuais das mulheres são concebidos igualmente, sem hierarquias e de forma conjunta com as práticas diárias desses sujeitos. Com isso e a partir do entendimento das falas supracitadas, é concebível a afirmação de Sylvia Marcos acerca da junção entre exigir os direitos dos povos em conjunto com o das mulheres, pois estes opostos se combinam e se encontram sem conflito. Consequentemente, estas relações de gênero entrelaçadas com a noção de raça, etnia e de classe se diferenciam das teorias hegemônicas de gênero e feministas que foram e são constituídas em torno de uma realidade de mulheres em que pregam por igualdade, mas ao mesmo tempo se distanciam dos homens de suas comunidades, pois são segregadas, invisibilizadas e abusadas pelos próprios.

Inversamente, por vivenciarem uma realidade imbricada não somente pela opressão do ser mulher, mas também do ser indígena e ser pobre em que as duas últimas realidades afetam, sobretudo, aos homens da comunidade, juntamente com a constante busca por libertação pregada pelo Zapatismo, a luta destas mulheres não se fragmenta e nem se afasta da deles, que trabalham também por uma dignidade e justiça étnico-racial. Desta forma, o que se pretende é a busca por resultados em que, em conjunto entre todos, sem que haja uma dualidade opositiva, reivindiquem uma ação estratégica, especialmente na busca das mulheres por seus lugares e vozes dentro e fora do movimento,

⁹ “Esta es la forma subyacente de la dualidad de contrarios y complementarios que no se ancla en uno solo y que oscila hacia el otro. También la búsqueda del equilibrio y el balance entre ambos propone un marco analítico que permite poner juntos los opuestos sin que se invaliden el uno al otro. Dualidad que permea las prácticas y subyace en las actitudes y discursos de las zapatistas. De nuevo, aparecen los contrarios. También se escuchan frases como “... falta mucho para que se hagan realidad los derechos de la mujer, que seamos respetadas”, “...mucho que hacer para conquistar nuestros derechos”, “...para cambiar este mundo lleno de injusticia”, “cuando tenemos marido, ahí empieza el problema... piensa que a donde vamos, hacemos cosa mala”.

simultaneamente com a procura pelo lugar da cultura e identidade indígena de forma geral. Na carta abaixo deixada via arquivo histórico eletrônico pela Comandanta Esther em 2001, ela afirma:

COMANDANTA ESTHER

“Para as mulheres de todo o país, dizemos que lutamos todas juntas. Nós temos que lutar mais porque como indígenas somos três vezes desprezadas: como mulher indígena, como mulher e como mulher pobre. Mas as mulheres que não são indígenas também sofrem, por isso vamos convidá-las todas para lutar para que não sigamos sofrendo. Não é verdade que a mulher não sabe, que nada mais sirva além de estar em casa, isso não só acontece nas comunidades indígenas, mas também nas cidades.

«Quando era pequena, passei pela fome e pela enfermidade. Embora não comamos bem, mas aqui estamos. Vivemos.

«Não sabia falar espanhol. Fui para a escola, mas ali não aprendi nada. Mas quando entrei para a organização (EZLN) aprendi a escrever e falar espanhol, pelo pouco que sei, estou fazendo a luta.

«Quando eu cresci comecei a ver que não temos alimentação adequada, que outros têm e nós não, porque será que não? Eu vi que tinha 4 ou 5 irmãozinhos que morreram, então foi aí que me dei conta, por que meus irmãozinhos morrem? Vi que é preciso lutar, porque se eu não fizer nada, os outros irmãos vão continuar morrendo, e me decidi. E não só eu, há mulheres que decidiram ser soldados e essas mulheres agora já têm posto de insurgente, de capitão, de major, de tenente. Lá vemos que sim as mulheres podem” [...] (COMANDANTA ESTHER, 2001, [s/p.], tradução nossa).¹⁰

Com base nestas afirmações, é possível identificar a incorporação de três eixos fundamentais para o entendimento do contexto em que as mulheres zapatistas se inserem. Ao declarar que são triplamente exploradas, primeiro por ser mulher, depois por ser indígena e pobre, torna-se claro que suas demandas advêm de uma sociedade construída com base na hierarquia de gênero, classe, etnia e raça. Com isso, a prioridade do debate perpassa as limitações de gênero, que deve agir em conjunto com a noção de raça ou etnia e classe, sem que privilegie apenas uma categoria, mas sim se agreguem todas em um único conjunto para além da mudança dos comportamentos e imposições patriarcais. Desta forma, torna-se possível também a mudança sistêmica e estrutural

¹⁰ “COMANDANTA ESTHER: «A las mujeres de todo el país, les decimos que luchemos todas juntas. Nosotras tenemos que luchar más porque como indígenas estamos triplemente despreciadas: como mujer indígena, como mujer y como mujer pobre. Pero las mujeres que no son indígenas también sufren, por eso las vamos a invitar a todas a que luchen para que ya no sigamos sufriendo. No es cierto que la mujer no sabe, que nada más sirve para estar en la casa, eso no sólo pasa en las comunidades indígenas sino también en las ciudades». «Cuando era chiquita pasé por el hambre y por la enfermedad. Aunque no nos alimentamos bien, pero aquí estamos. Vivimos. «No sabía hablar en español. Fui a la escuela pero ahí no aprendí nada. Pero cuando ingresé en la organización (EZLN) aprendí a escribir y a hablar español, lo poco que sé, estoy haciendo la lucha pues. «Cuando ya estoy grande empecé a ver que no tenemos alimentación adecuada, que otros sí tienen y nosotros no ¿por qué será que no? Vi que tenía 4 o 5 hermanitos que se murieron, entonces es ahí donde me di cuenta, ¿por qué será que se mueren mis hermanitos? Vi que es necesario luchar, porque si no hago nada, van a seguir muriendo los demás hermanos, y me decidí. Y no solo yo, hay mujeres que se decidieron a ser soldados y esas mujeres ahora ya tienen grado insurgente de capitán, de mayor, de teniente. Ahí vemos que sí las mujeres podemos”.

desde os padrões de poder que atravessam as relações sociais e econômicas, como a colonialidade do poder, o capitalismo, o mercado e o sistema-mundo moderno/contemporâneo.

Atrelado a estes eixos, a colonialidade do poder instituída por Quijano agregará profundo sentido ao conceito de colonialidade do gênero de Maria Lugones (2008), ao passo que a autora irá evidenciar as mulheres vítimas deste sistema atrelando conjuntamente a ele a categoria gênero e sexualidade com a noção de raça e classe, que permeiam e legitimam então a colonialidade do poder. Juntamente com estas noções, Lugones irá tecer algumas críticas ao feminismo hegemônico por ignorar as interseccionalidades que definem algumas particularidades antagônicas à hierarquia de gênero homogeneizante baseada em Europa e reproduzida por esses feminismos. Desta forma, com base nestes estudos, a filósofa Yuderkys Espinosa Miñoso propõe um método que parte da experiência histórica em América Latina para tecer críticas à colonialidade da razão feminista moderna eurocêntrica, através de uma genealogia da experiência. Para isso, ela afirma:

[...] Se foi Mohanty quem nos advertiu sobre o colonialismo discursivo dos feminismos do Norte, é a prática feminista subalterna que nos mostra o colonialismo internalizado, os dispositivos de controle e as estratégias de produção e conservação do poder de uma minoria dentro do campo feminista na América Latina. A ferida colonial sangra mais em umas que em outras. Os feminismos hegemônicos do Norte precisam da cumplicidade dos feminismos hegemônicos do Sul para dar continuidade à história de colonização e dependência. É por isso que uma análise dos feminismos do Sul e de sua relação de dependência com os feminismos do Norte precisa ser complexa a ponto de desfazer o mito de uma suposta unidade do sujeito “mulher” e nos permitir observar um campo vivo de disputa de sentidos na América Latina pós-independências, que acaba sendo resolvida com a imposição e a violência simbólica e material sobre aquelas cujos corpos estão marcados por processos de racialização e contínua exploração, o que chamo de “a outra da outra” (MIÑOSO, 2019, p. 98-99).

Deste modo, através de seu método genealógico, Miñoso argumenta que existe uma razão feminista moderna ocidental carregada de compromisso com a colonialidade e o racismo. Esta razão se caracteriza pelas práticas discursivas diversas construídas por feministas e que colaboram para a elaboração de um sujeito universal, nesta conjuntura, o ser mulher/mulheres. Assim, criam-se discursos sobre este sujeito construído, desconsiderando seus particularismos e criando interpretações acerca de suas lutas por libertação estabelecendo, assim, o ser universal “mulher” enquanto sujeito terminantemente subalterno em uma escala de gênero hierarquicamente inferior ao ser universal “homem”. Desta forma, sem uma análise mais aprofundada acerca da construção da teoria de gênero, esses feminismos hegemônicos, mesmo que exercidos

dentro de um território propriamente latino-americano, acabam por reproduzir a razão moderna eurocêntrica.¹¹

Nesse sentido, a autora alega que ao inserirem em um espaço de conhecimento antes tipicamente masculino, estas feministas automaticamente começaram a fazer parte desse espaço de saber e poder que limita outras epistemologias, assumindo a partir daí, uma possessão de carga de verdades a respeito do ser mulher e garantindo espaço para que discursivamente construam formas de libertação global em direção a subalternidade feminina, empregada historicamente no sujeito mulher em forma de discursos salvacionistas, sobretudo colonialistas. Com esta ressalva, no Colóquio Aubry realizado em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México em dezembro de 2007, o Subcomandante Marcos em conjunto com Sylvia Marcos e Gustavo Esteva discorre especificamente sobre estas questões acerca de gênero na Parte II do evento, intitulada “Escucharel Amarillo”. Assim, ele afirma:

PARTE II. - ESCUTAR O AMARELO. O CALENDÁRIO E A GEOGRAFIA DA DIFERENÇA.

"O perigo d@s diferentes está em que logo comecem a se parecer muito entre si"

Don Durito de La Lacandona.

A luta das mulheres, do centro para a periferia? Se antes falávamos do fato de que no pensamento de cima havia um abismo entre teoria e realidade e a concomitante bulimia teórica que volta a moda entre uma parte da intelectualidade progressista, agora gostaríamos de parar naquele ponto da geografia supostamente científica. Esse é o centro onde a pedra conceitual, ou seja, a moda intelectual cai e se iniciam as ondas que afetarão a periferia.

Resulta que essas teorias e práticas que surgiram no centro, se estendem até a periferia, afetando não apenas os pensamentos e práticas nesses cantos, mas também, e acima de tudo, impondo-se como verdade e modelo a seguir.

O surgimento de novos atores ou sujeitos sociais já foi mencionado, e também as mulheres, rapazes e moças e outros amores.

Pois bem, sobre esses "novos" protagonistas da história cotidiana, surgem novas elaborações teóricas que, sempre no centro emissor, se traduzem em práticas políticas e organizacionais.

No caso da luta de gênero, ou mais especificamente, no feminismo, acontece o mesmo. Em uma das metrópoles surge uma concepção do que é, seu caráter, seu objetivo, suas formas, seu destino. De lá é exportado para os pontos da periferia, que por sua vez são centros de outras periferias.

Esta transferência não ocorre sem os problemas e "problemas" típicos das diferentes geografias.

Nem ocorre, paradoxalmente, em termos de equidade. E digo "paradoxalmente" porque uma das características essenciais dessa luta é sua demanda por equidade, por equidade de gênero.

¹¹ Aqui, Miñoso entende por “razão” quatro questões fundamentais para a filosofia e a modernidade, e por consequência, a colonialidade. Assim, agrega a este conceito o sentido de Iluminismo dado por Kant, a mitologia da razão de Hegel, a racionalização de Weber e efetivamente a “razão feminista” enquanto reprodutora destas razões modernas em que se desenvolve somente a partir da Europa como efeito do eurocentrismo.

Espero que as companheiras e companheiros que estão levantando esta luta, e que estão me ouvindo ou me lendo, desculpem o reducionismo e a simplicidade com que estou tocando neste ponto. E não é porque quero salvar o meu machismo, tão natural e espontâneo, sério, mas porque não estamos pensando, ao nos referirmos a isso, nos esforços que estão sendo realizados. Não estamos dizendo que seus projetos não sejam questionáveis. São e em mais de um aspecto, mas estamos falando de outra luta de gênero, outro feminismo: o que vem de cima, do centro para a periferia.

Em mais alguns dias, as mulheres zapatistas farão um encontro onde suas experiências e palavras terão um espaço único, então não vou entrar em detalhes sobre esse assunto. No entanto, gostaria de contar a vocês a breve história de um desencontro.

Nos primeiros meses após o início de nossa revolta, um grupo de feministas (assim se autodenominavam) chegou a algumas das comunidades zapatistas. Não, não chegaram a perguntar, a ouvir, a conhecer, a respeitar. Vieram dizer o que as mulheres zapatistas deviam fazer, vieram libertá-las da opressão dos homens zapatistas (começando, claro, a libertá-las do Sup.), a dizer-lhes quais eram os seus direitos, de mandar.

Elas cortejaram quem consideravam as chefas (com métodos muito masculinos, aliás). Por meio delas tentaram impor, desde fora, na forma e no conteúdo, uma luta de gênero que nem sequer pararam para averiguar se existia ou não e em que grau nas comunidades indígenas zapatistas.

Nem sequer pararam para ver se as tinham ouvido e compreendido. Não, sua missão "libertadora" foi cumprida. Voltaram para suas metrópoles, escreveram artigos para jornais e revistas, publicaram livros, viajaram com despesas pagas ao exterior dando palestras, ocuparam cargos governamentais, etc.

Não vamos questionar isso, cada um consegue as férias como pode. Queremos apenas recordar que não afetaram as comunidades nem trouxeram nenhum benefício para as mulheres.

Essa divergência inicial marcou a relação posterior entre mulheres zapatistas e feministas, e levou a um confronto que, é claro, as feministas atribuíram ao machismo vertical e militarista do EZLN. Isso chegou ao ponto em que um grupo de Comandantas recusou um projeto sobre os direitos da mulher. Resulta que queriam ministrar alguns cursos, elaborados por cidadãs, ensinados por cidadãs e avaliados por cidadãs. As companheiras se opuseram, queriam ser elas quem decidisse os conteúdos e elas que ministrassem o curso e elas que avaliassem os resultados e o que viria [...] (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2007, [s/p.], tradução nossa).¹²

¹² "PARTE II. - ESCUCHAR EL AMARILLO. EL CALENDARIO Y LA GEOGRAFÍA DE LA DIFERENCIA. "El peligro de l@s diferentes está en que luego les da por parecerse mucho entre sí". Don Durito de La Lacandona. La lucha de las mujeres, ¿del centro a la periferia? Si antes hablamos de que en el pensamiento de arriba existía un abismo entre teoría y realidad y de la bulimia teórica concomitante que se vuelve moda entre una parte de la intelectualidad progresista, ahora quisiéramos detenernos en ese punto de la geografía pretendidamente científica que es el centro donde la piedra conceptual, es decir, la moda intelectual, cae y se inician las ondas que afectarán la periferia. Resulta que esas teorías y prácticas surgidas en el centro, se extienden hacia la periferia no sólo afectando los pensamientos y prácticas en esos rincones, también, y sobre todo, imponiéndose como verdad y modelo a seguir. Ya se habló del surgimiento de nuevos actores o sujetos sociales, y se mencionó a las mujeres, los jóvenes y jóvenes, y los otros amores. Pues bien, sobre estos "nuevos" protagonistas de la historia cotidiana, surgen nuevas elaboraciones teóricas que, siempre en el centro emisor, se traducen en prácticas políticas y organizativas. En el caso de la lucha de género, o más específicamente, en el feminismo, sucede lo mismo. En una de las metrópolis surge una concepción de lo que es, su carácter, su objetivo, sus formas, su destino. De ahí se exporta a los puntos de la periferia, que a su vez son centros de otras periferias. Este traslado no se da sin los problemas y "atorones" propios de las distintas geografías. Tampoco se da, paradójicamente, en términos de equidad. Y digo "paradójicamente" porque uno de los rasgos esenciales de esta lucha es su demanda de equidad, de equidad de género. Espero que las compañeras y compañeros que enarbolan esta lucha, y que me están escuchando o leyendo, disculpen

Na fala acima, ele explicita os pontos tocados até aqui. Revela-se uma experiência vivida pelas mulheres zapatistas acerca deste discurso salvacionista empregado por algumas feministas, em que logo após seu levantamento público, um grupo delas foi até a comunidade ditar como as zapatistas deveriam agir, com o intuito de libertá-las dos homens da comunidade, impondo assim uma luta que não lhes cabia sem ao menos parar para ouvi-las. Com esta ação, gerou-se uma divergência entre o movimento feminista e as mulheres zapatistas, que colocaram a culpa deste confronto em um suposto machismo exercido pelos homens, ao invés de procurar entender as raízes do embate. Assim, Marcos afirma que as mulheres do Exército se rebelam e lutam enquanto mulheres, mas não descartam a sua cultura e a identidade indígena, sobretudo Zapatista, e que desta tensão gerada sairá uma nova luta em um novo calendário e geografia, nesse quesito, portanto, a construída pelas mulheres Zapatistas

Desta maneira, entende-se que a luta pela emancipação feminina dentro do EZLN não se limita aos moldes de uma luta feminista empregada em outras localidades, em contextos e temporalidades específicas e ao mesmo tempo alheias a uma realidade Latino-americana, neste caso, Zapatista. A través dos discursos delas, torna-se claro que não é possível entender efetivamente sobre suas demandas através de um recorte

el reduccionismo y simplismo con el que estoy tocando este punto. Y no es porque quiera salvar mi machismo, tan natural y espontáneo, en serio, sino porque no estamos pensando, a la hora de referirnos a esto, en los esfuerzos que llevan adelante. No decimos que sus proyectos no sean cuestionables. Lo son y en más de un aspecto, pero estamos hablando de otra lucha de género, de otro feminismo: el que viene de arriba, del centro a la periferia. En unos días más, las mujeres zapatistas celebrarán un encuentro donde su experiencia y palabra tendrán un espacio único, así que no abundaré más en este tema. Sin embargo, quisiera contarles la breve historia de un desencuentro. En los primeros meses posteriores al inicio de nuestro alzamiento, un grupo de feministas (así se autodenominaron) llegaron a algunas de las comunidades zapatistas. No, no llegaron a preguntar, a escuchar, a conocer, a respetar. Llegaron a decir lo que debían hacer las mujeres zapatistas, llegaron a liberarlas de la opresión de los machos zapatistas (empezando, por supuesto, por liberarlas del Sup), a decirles cuáles eran sus derechos, a mandar pues. Cortejaron a quienes consideraban las jefas (por cierto, con métodos muy masculinos, dicho sea de paso). A través de ellas intentaron imponer, desde fuera, en forma y contenido, una lucha de género que ni siquiera se detuvieron a averiguar si existía o no y en qué grado en las comunidades indígenas zapatistas. Ni siquiera se pararon a ver si las habían escuchado y entendido. No, su misión "liberadora" estaba cumplida. Volvieron a sus metrópolis, escribieron artículos para periódicos y revistas, publicaron libros, viajaron con los gastos pagados al extranjero dando conferencias, tuvieron cargos gubernamentales, etc. No vamos a cuestionar esto, cada quien se consigue las vacaciones como puede. Sólo queremos recordar que no hicieron mella alguna en las comunidades ni trajeron beneficio alguno a las mujeres. Este desencuentro inicial marcó la relación posterior entre las mujeres zapatistas y las feministas, y llevó a una confrontación soterrada que, por supuesto, las feministas achacaron al machismo vertical y militarista del EZLN. Esto llegó hasta el punto en que un grupo de Comandantas se negó a un proyecto sobre derechos de la mujer. Resulta que se querían dar unos cursos, diseñados por ciudadanas, impartidos por ciudadanas y evaluados por ciudadanas. Las compañeras se oponían, querían ser ellas quienes decidieran los contenidos y ellas quienes impartieran el curso y ellas quienes valoraran los resultados y lo que seguía".

exclusivamente de gênero e baseado no universal, pois declaram uma luta impreterivelmente conjunta, em que através de uma identidade indígena em comum com os homens, exercem a busca pela libertação de gênero incluindo todos eles, embora desempenhando um protagonismo exclusivamente feminino neste quesito. Aqui, o foco das demandas se converte em uma mudança histórica em sentido antissistêmico e estrutural, pois estas estruturas se inserem na vida dessas mulheres através de um sistema patriarcal, todavia racista e classista, que através da colonialidade e do capitalismo subjagam, guiam e exploram triplamente seus destinos.

Os problemas enfrentados não são os mesmos moldados e impostos a um ser universal gestado e construído com base no “ser mulher”, em que as coloca em uma hierarquia opostamente inferior aos homens, propondo uma luta incompatível e contrária à deles, pregando, assim, uma espécie de salvação da submissão feminina frente à masculina. É preciso compreender que no caso Zapatista, esta oposição construída em cima da concepção hegemônica de gênero não existe e, portanto, enxergá-las como meramente subalternas aos homens é reduzir suas lutas e demandas por emancipação a uma concepção puramente patriarcal, sem um recorte de raça, etnia e classe, colonizando, desta forma, suas vidas por um viés adquirido pela razão feminista moderna e ocidental, que tem a colonialidade como compromisso.

Assim, faz-se necessária aqui uma análise decolonial não somente do feminismo exercido pelas zapatistas, mas também do movimento de forma geral, que em conjunto com todas as lutas particulares, se baseia em um universo de luta plural incluso a todas as diversidades indígenas mexicanas, que define o sentido de mudança histórica ao qual caminha o EZLN.

Conclusão

Historicamente, o surgimento do EZLN teve como marco um esforço extensivo de máxima ruptura com o passado colonial e com o neoliberalismo, revisando-o através de sujeitos historicamente oprimidos pelos rastros desses sistemas. Assim, ao insurgir e levantar armas, os zapatistas instauram uma revolução em território mexicano, reivindicando os direitos e espaços que lhes foram extorquidos ao longo do tempo.

Por meio de uma análise tecida em um sentido teórico-histórico benjaminiano e tendo como base a insurreição zapatista, em que os protagonistas rejeitam a ideia de linearidade progressiva, esses “escovam a história a contrapelo”, reescrevendo as suas

em conjunto com outros sujeitos que rejeitam o tradicionalismo deixado por uma epistemologia que têm como foco somente os heróis oficiais ou vencedores. Esta procura por uma história marcada pelo protagonismo indígena destoante das demais lutas que ocorreram ao longo dos séculos se reproduz através da afirmação de identidades, sobretudo indígena, que se mesclam e geram o discurso zapatista, enquadrando-se no conceito de “transversalidade” de Enrique Dussel.

Assim, ao propor uma forma de diálogo distinta de algumas revoluções convencionais com foco no convencer e converter, os zapatistas propõem o “andar perguntando”, ouvindo as queixas sociais somadas às preferências de todos e tomando decisões através das demandas da maioria. Nesse sentido, inferimos dessas características a crítica de Aimée Césaire aos universalismos abstratos, a qual encaixando no processo de descolonização da América Latina deverá conduzir a um universalismo concreto, abrigando todos os particulares em direção a um diálogo horizontalizado e de igual para igual.

Dessa forma, através do diálogo horizontal, os zapatistas promovem uma mudança no trajeto de suas histórias construindo “um mundo onde caibam muitos mundos”¹³ em que rompem com a ideia universal de uma história de vencedores. Instaura-se assim uma revolução decolonial, onde através da prática da retaguarda e do diálogo buscam romper com a concepção moderna de progresso linear, construindo uma classe revolucionária com base na identidade Latino-americana, e mais especificamente indígena mexicana, protagonizada, por sua vez, por agentes históricos que foram oprimidos durante séculos de exploração colonial e capitalista.

No entanto, esta lógica se estende para as mulheres que atuam dentro do movimento, ao passo que ao protagonizar uma luta que tem como frente as mulheres Zapatistas e ao contestar o universalismo pregado por alguns feminismos hegemônicos, elas reconstituem todo o sentido efetuado pela razão eurocêntrica de gênero aplicada ao sujeito mulher. Desta forma, ao apelarem para que todos os homens e mulheres atuem em conjunto e em prol da libertação, como na carta assinalada por Yolanda, ao mesmo tempo representam outro feminismo, que se constitui de forma heterogênea dos hegemônicos exercidos ao longo do tempo.

13 “Un mundo donde quedan muchos mundos” foi uma grande exposição de arte realizada pelos zapatistas dentro da Galería Latino-americana da “Casa de Las Américas”, em Havana, Cuba, do dia 09 de outubro até 30 de dezembro de 2018.

Com isso, a autora Sylvia Marcos analisa a forma pela qual essas mulheres constroem esse outro feminismo através das práticas Mayas de discursos contraditórios, que se encontram nas falas delas em forma de uma fusão e fluidez de opostos caracterizada pela “dualidade mesoamericana”.

Portanto, a oposição entre direitos coletivos e individuais é construída de forma conjunta, ao mesmo tempo garantem o protagonismo e a representação plena das mulheres no tocante às suas reivindicações, todavia com a ajuda dos homens em prol da libertação de todos os povos indígenas que se interligam nos eixos de exploração da raça, etnia e classe. Na segunda carta escrita pela comandante Esther, é possível identificar essa consciência de gênero, raça e classe que rege o universo das zapatistas, onde suas demandas por liberdade não se limitam somente ao ser mulher, mas, sobretudo, ao fato da pobreza e da exclusão indígena, propondo uma mudança antissistêmica de todos esses padrões de poder que trabalham para a continuidade das formas de exploração estruturadas.

Com base nestas formulações, utilizamos o método de Yuderkys Espinosa Miñoso ao propor a genealogia da experiência, em que através de um recorte especificamente Latino-americano constrói críticas ao que ela chama de “colonialidade da razão feminista”. Através deste método, a autora identifica uma razão feminista gestada na modernidade e que permanece carregada de compromisso com a colonialidade e o racismo, caracterizando-se por práticas discursivas entre feministas que reproduzem um sujeito universal baseado no ser mulher. Imbricadas a estas concepções, analisamos uma fala do Subcomandante Marcos para o Colóquio Aubry, onde ele relata uma situação de exercício da razão feminista moderna experienciada pelas mulheres zapatistas.

Assim, fica explícito que a luta delas não se limita a uma visão hegemônica de libertação feminina empregada por feministas europeias e norte-americanas. Deste modo, o objetivo proposto não é a exclusão efetiva de um ideal feminista, pois suas demandas se enquadram neste aspecto de luta pela emancipação patriarcal, mas sim, revisar estes universais gestados em prol de um contexto e uma localidade específica que tem como fundamento a razão moderna, construída com base em realidades europeias.

Portanto, um feminismo de caráter decolonial e adaptado a sua realidade material se faz extremamente necessário para o entendimento de uma identidade indígena e Latino-americana que rompa com a razão universal que reproduz discursos salvacionistas, vanguardistas, e conseqüentemente colonialistas.

Esta razão universal acaba por reduzir todas as mulheres apenas à passividade e submissão, anulando suas agências, suas particularidades culturais e locais e suas capacidades de movimentar uma mudança social através de seus próprios contextos, bem como no funcionamento do Exército Zapatista de forma geral, que ao rejeitar uma visão colonial e uma razão universal de progresso imposta ao mundo, implanta sua própria revolução de caráter decolonial com base no diálogo horizontal e na união.

Rejeita-se, desta forma, uma visão universal do ser, e no caso das mulheres, institui-se uma nova versão do que é ser mulher fundamentando-se na experiência indígena zapatista, substituindo a imposição de um lugar de subalternidade na História para o lugar de sujeito histórico com agenciamento e voz mediante suas próprias experiências particulares.

ANOTHER WAY OF BEING A WOMAN: THE STRUGGLE OF ZAPATIST WOMEN FROM A DECOLONIAL ANALYSIS (1999-2007)

Abstract: This article aims to analyze based on the struggle for female emancipation in Zapatista territory, which the demands of women working in the movement and its ideals of struggle applied in accordance with their contexts and local realities, located in Latin America and more specifically in Mexico, in which they vehemently seek to maintain their cultural roots with minimal interference from universalist or Eurocentric ideals. In this sense and through the analysis of letters and public speeches registered in historical archives. Firstly, we will focus on the historical context of the Zapatista Army, which is constituted as a revolution of a decolonial character, and then of “being a woman” in the face of the reality of the Zapatistas and what are their ways of fighting in this context of decolonial feminist struggle inherent in the issues that pass through the conceptions designed by other hegemonic feminisms. With this and through the statements of the Zapatistas left in writing we will answer what are the problems that move the struggle of these subjects within a revolutionary and decolonial context.

Keyword: Zapatista women. Decolonial feminism. Decoloniality. Zapatistas.

OTRA FORMA DE SER MUJER: LA LUCHA DE LAS MUJERES ZAPATISTA DESDE UN ANÁLISIS DECOLONIAL (1999-2007)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar, a partir de la lucha por la emancipación femenina en territorio zapatista, cuáles son las demandas de las mujeres que trabajan en el movimiento y sus ideales de lucha ejercidas de acuerdo con sus contextos y realidades locales, ubicadas en América Latina y más específicamente en México, en que buscan con vehemencia mantener sus raíces culturales con una mínima interferencia de ideales universalistas o eurocéntricos. En este sentido y a través del análisis de cartas y discursos públicos registrados en archivos históricos, nos centraremos primero en el contexto histórico del Ejército Zapatista, que se constituye como una revolución de carácter decolonial, y en seguida, del “ser mujer” ante la realidad de los zapatistas y cuáles son sus formas de luchar en este contexto de lucha feminista decolonial inherente a los temas que permean las concepciones idealizadas por otros feminismos hegemónicos. Con esto y a través de los discursos de los zapatistas dejados por escrito, responderemos cuáles son los problemas que mueven la lucha de estos sujetos dentro de un contexto revolucionario y decolonial.

Palabras clave: Mujeres zapatistas. Feminismo decolonial. Decolonialidad. Zapatismo.

Referências

Fontes

ESTER, Comandanta. **Comandantas Esther, Yolanda y Susana: Día Internacional de la Mujer Rebelde**, 2001. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2001/03/08/8-de-marzo-dia-internacional-de-la-mujer-rebelde/>>

MARCOS, Subcomandante. **Coloquio Aubry. Parte II. Escuchar el Amarillo**, 2007. Disponível em: <<https://enlacezapatista.ezln.org.mx/2007/12/14/conferencia-del-dia-13-de-diciembre-a-las-700-pm/>>

_____. **O escritor espanhol Manuel Vásquez Montalbán cruza as selvas do México para entrevistar o subcomandante Marcos, líder da guerrilha zapatista: Na clareira da revolução**. Vásquez Montalbán. Folha de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs09059904.htm>>

_____. **Mesa redonda na UAM-Xochimilco**, 2006. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2006/06/28/mesa-redonda-en-la-uam-xochimilco-28-de-junio/>>

YOLANDA, Comandanta. **Con la colectiva feminista**, Tijuana, 2007. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2007/04/16/con-la-colectiva-feminista-tijuana-16-de-abril/>>

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 222-232.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimée Césaire hasta los Zapatistas: In: _____. CASTRO-GÓMES, S.; GROSGOUEL, R. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo Del Hombre, 2007. P. 63-77.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. 1 ed. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2005. p. 13-33.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 53-83.

MARCOS, Sylvia. Cruzando fronteiras: Mujeres indígenas y feminismos abajo y a la izquierda. **Universidad de la Tierra Chiapas**, 2010.

MILLÁN, Mária. **Des-ordenando el género/ ¿Des-centrando la nación?**: El Zapatismo de las mujeres indígenas y sus consecuencias. 1 ed. México: UNAM, IIA, BUAP, Ediciones del Lirio, 2014. p. 63-164.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 97-118.

QUERIDO, Fabio. Afinidades eletivas: EZLN e MST na contramão da história do progresso dos vencedores. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 119, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos Rumos**, v. 17, n. 37, 2002.

SOBRE A AUTORA

Leticia Cassia da Silva Anastacio é graduanda em História pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Recebido em 12/03/2021

Aceito em 28/09/2021